

‘As derrotas eleitorais inclinaram a UDN para a solução militar’

— Ex-líder do partido relembra oposição a Vargas e expõe divergências sobre apoio a Jânio Quadros

DEPOIMENTO

Mineiro, Afonso Arinos de Melo Franco foi deputado federal, senador e chanceler durante o governo de Jânio Quadros

MARCELO GODOY

Com entrada tardia na política, o ex-chanceler Afonso Arinos foi um dos fundadores da União Democrática Nacional (UDN) e liderou o partido na oposição parlamentar ao governo de Getúlio Vargas.

Um dos subscritores do Manifesto dos Mineiros, primeira manifestação política contra a ditadura Vargas, Arinos manteve as críticas no período democrático. Fazia uma espécie de “dobradinha” com Carlos Lacerda: enquanto o Corvo disparava nas páginas da *Tribuna da Imprensa*, o mineiro atacava da tribuna da Câmara dos Deputados.

Jurista, Arinos propôs uma emenda constitucional para tentar enclausurar a tese da maioria absoluta, que transferia para os deputados a escolha do presidente da República caso nenhum candidato obtivesse mais de 50% dos votos. A tese, que já fora usada pela UDN para tentar impedir a posse de Vargas em 1950, foi rejeitada pelo Congresso em 1955, mas retomada para tentar impedir a assunção da chapa Juscelino Kubitschek-João Goulart.

A tentativa foi frustrada pelo chamado contragolpe preventivo do ministro da Guerra, general Henrique Lott, e os dois tomaram posse. Duas décadas depois, Arinos concedeu uma entrevista ao *Jornal da Tarde*, em 1977, que permanecia inédita até agora, na qual reconheceu que, em um sistema multipartidário, era impossível haver a maioria absoluta. “A nossa posição era frágil do ponto de vista lógico, do ponto de vista jurídico e até do ponto de vista histórico. Estávamos incoerentes até conosco.” De certa maneira, a insistên-

Derrotas

Arinos opina que as derrotas presidenciais de 1945, 1950 e 1955 deram à UDN a ideia de que não chegaria ao poder pela via eleitoral, inclinando-a para a solução militar

cia da UDN na tese reflete o desempenho eleitoral do partido, derrotado nas eleições de 1945, 1950 e 1955 – as duas primeiras com o brigadeiro Eduardo Gomes como candidato e a última com Juarez Távora. Nem mesmo o apoio ao vitorioso Jânio Quadros, então no PTN, na eleição de 1960, foi considerado satisfatório. Segundo Arinos, o presidente era “a UDN de porre”. Foi no governo de Quadros que o então chanceler executou a política externa independente, que tinha como base o não alinhamento aos EUA e à União Soviética.

“Essas três derrotas convenceram a UDN de que, eleitoralmente, ela não teria o poder. Isso foi o que agravou a inclinação da UDN pela solução militar”, afirma o udenista na entrevista. A “solução” chegou em 1964, e Arinos, ministro das Relações Exteriores no governo Jânio Quadros e tendo representado o Brasil na ONU, foi escalado para articular o respaldo internacional do golpe, caso a situação escalasse para uma guerra civil.

Após os anos iniciais, se distanciou da ditadura em meio ao recrudescimento do regime. Em 1978, cerca de um ano após a entrevista, foi chamado por Ernesto Geisel para opinar sobre as reformas que tinham como objetivo a abertura política, ocasião na qual chamou o Ato Institucional n.º 5 de “mais violenta manifestação ditatorial da história do Brasil”.

Durante a campanha de Tancredo Neves, Arinos utilizou o termo “Nova República” em sugestões enviadas para um discurso do candidato, expressão que se tornou um slogan do primeiro presidente eleito da redemocratização. Integrou a Assembleia Nacional Constituinte e morreu em 1990, quando ocupava o cargo de senador pelo PSDB.

‘EXCESSIVAMENTE CONSERVADOR’. “A UDN foi o grande partido liberal da República. (...) Mas o que comecei a compreender é que a defesa das liberdades públicas, particularmente, (...) não excluía e até compreendia uma posição conser-

Quem é

AFONSO ARINOS

Ex-senador e ex-chanceler

Em 1934, assinou o Manifesto dos Mineiros contra a ditadura Vargas. Em 1950, apresentou projeto na Câmara dos Deputados para incluir na lei de contravenções penais atos de preconceito de raça ou de cor, que se tornou lei no ano seguinte.

Recebeu o Prêmio Jabuti pela publicação de dois volumes de memórias: em 1969, por *Planalto*, e 1977, por *Alto-Mar Maralto*. Faleceu em agosto de 1990.



ILUSTRAÇÃO BAPTISTÃO

vadora social e economicamente. Quer dizer: a luta no governo constitucional de Getúlio Vargas visava garantir as liberdades, os direitos humanos e o aperfeiçoamento da democracia estabelecidos na Constituição de 1946.”

“Mas a UDN se centrava muito em dificultar tudo aquilo que, sendo uma forma de atuação arbitrária do Executivo, correspondia também a uma tendência de progresso social. (...) A UDN era um partido liberal, mas excessivamente conservador. A prova disso é que seus antigos representantes nunca mais lutaram contra a ditadura a partir de 1964, quando ela passou a ser um movimento de repressão.”

MAIORIA ABSOLUTA. “(O argumento da maioria absoluta) Decorre deste artigo (da Constituição): ‘Todo o poder emana do povo’. Sustentava-se que ‘povo’ era concebido como eleitorado. (...) O problema da maioria absoluta é um problema de lei eleitoral, não da Constituição. Quando há dois partidos, a maioria é absoluta; quando há muitos partidos, nunca poderá haver

maioria absoluta. Nós tínhamos 12 partidos. Então, a nossa posição era frágil do ponto de vista lógico, jurídico e histórico. Estávamos incoerentes com nós mesmos.”

DERROTAS ELEITORAIS. “As três derrotas eleitorais (presidenciais em 1945, 1950 e 1955 – as duas primeiras com o brigadeiro Eduardo Gomes como candidato e a última com Juarez Távora) convenceram a UDN de que, eleitoralmente, ela não teria o poder. Isso foi o que agravou a inclinação da UDN por uma solução militar.”

“Eu tinha a impressão de que nós não teríamos maioria, a não ser no caso do Jânio, em que tive certeza. Mas o Jânio não era UDN.”

LEI AFONSO ARINOS. “Então, eu fui criado, como todo menino brasileiro, dessa maneira. Na nossa casa, moravam duas antigas escravas que eu convivi até morrerem, e que tratávamos como se fossem pessoas aparentadas. Então, quando começaram a aparecer as questões de discriminação racial, eu achei estranho.”

“Eu já era homem. Eu só ☺